

Frameworks teóricos e conceituais: definições e contribuições para pesquisa e prática de Design

Theoretical and conceptual frameworks: definitions and contributions to Design research and practice

Caroline Winkelmann, Rubenio Barros, Gabriela Botelho Mager, Elton Moura Nickel

metodologia, framework teórico, framework conceitual, modelo

Frameworks são importantes instrumentos para delineamento e desenvolvimento da pesquisa e da prática em Design, auxiliando na compreensão, mapeamento e interpretação de sistemas ou fenômenos. No entanto, se percebe desencontro na definição e na forma de aplicação desses instrumentos na pesquisa de Design, o que pode gerar confusões metodológicas ou comprometer a comunicação da equipe ao usar dos frameworks. Por isto, este artigo buscou centralizar um repertório comum para o Design sobre as definições e contribuições dos frameworks teóricos e conceituais, para que se possa ter mais assertividade e compreensão no uso deste instrumento. Realizou-se, então, uma revisão narrativa englobando autores do Design, Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento. A revisão demonstra a confusão entre definições, porém também conseguiu identificar a diferenciação e aplicação de um framework teórico e um conceitual. Conclui-se que o entendimento sobre as definições de cada tipo de instrumento pode beneficiar tanto a prática quanto a pesquisa de Design.

Methodology, theoretical framework, conceptual framework, model

Frameworks are important instruments for delineating and developing research and practice in Design, helping in the understanding, mapping and interpretation of systems or phenomena. However, there has been a disagreement in the definition and application of these instruments in Design research, which can generate methodological confusion or compromise the team's communication when using the frameworks. For this reason, this article sought to centralize a common repertoire for Design about the definitions and contributions of theoretical and conceptual frameworks, so that one can have more assertiveness and understanding in the use of this instrument. A narrative review was then carried out, encompassing authors from Design, Information Systems and Knowledge Management. The review demonstrates the confusion between definitions, but also managed to identify the differentiation and application of a theoretical and a conceptual framework. It is concluded that understanding about the definitions of each type of instrument can benefit both Design practice and research.

1 Introdução

O Design se reformula conforme aspectos tecnológicos, culturais e sociais se modificam, afinal como é pontuado por Cardoso (2016, p. 238), o Design não se limita a um corpo imutável de dogmas, sendo um Campo que “se revela conforme é percorrido”.

Uma das formas de atualização possível de ser percebida na área é a quantidade de pesquisas que geram métodos, modelos teóricos, frameworks e afins para usos específicos no Design, como frameworks para *e-books*, para produção de infografia digital em saúde, para o projeto de tecnologias assistivas, dentre outros (e.g. Dick, 2019; Andrade, 2020; Pichler, 2019).

Esses instrumentos podem ser elementos decisivos no planejamento e desenvolvimento das investigações, pois são capazes de auxiliar na compreensão das interações de sistemas, na priorização das demandas, na organização e representação dos dados, na comunicação e no compartilhamento das informações, na orientação de intervenções de Design, na exploração, interpretação e explicação dos eventos, dentre outros benefícios (Sorensen *et al.*, 2018; Sonrensen *et al.*, 2016; Green, 2014; Imenda, 2014).

Entretanto, percebe-se na pesquisa acadêmica brasileira baixa convergência de definições sobre frameworks e demais instrumentos que traduzam um sistema ou teoria. Mesmo quando esses instrumentos são apresentados nos estudos, frequentemente não são descritas ou discutidas as definições a partir das quais os autores se basearam (Andrade, 2020; Green, 2014).

Como consequência, a ausência de consenso entre as definições e o uso de algumas denominações e terminologias como sinônimos podem resultar em confusão, particularmente entre novos pesquisadores. Assim, compreender adequadamente a natureza desses instrumentos e como eles podem ser aplicados é necessário (Macedo & Souza, 2022; Green, 2014).

Esses instrumentos funcionam como orientadores durante o desenvolvimento de pesquisas e projetos, sendo que suas configurações, processos e resultados interferem ou contribuem nos processos decisórios (Sorensen *et al.*, 2016; Green, 2014; Andrade, 2020). Assim, a forma como a comunicação e a organização das informações se dá por meio deles é importante porque, como afirmam Williams-Whitt *et al.* (2016), uma comunicação deficitária pode limitar a troca de informações necessária para uma tomada de decisão eficaz.

Dada sua importância para a teoria e prática do Design, este artigo buscou melhor delimitar as definições de frameworks teórico e conceitual, para, como propôs Green melhor direcionar o estudo e ensino de uma área, nesse caso Design. Com uma abordagem multidisciplinar, foram considerados, além dos conceitos debatidos por autores do Design, publicações do Sistema da Informação, da Ergonomia e da Gestão do Conhecimento, pois durante os levantamentos da revisão essas áreas apresentaram discussões relevantes para a formulação de uma alçada teórica proveitosa para o objetivo proposto.

Este estudo é de natureza básica, com objetivos exploratório e descritivo, abordagem qualitativa, e coleta de dados (procedimento técnico) por pesquisa bibliográfica em forma de revisão narrativa (Gil, 2002). De acordo com Rother (2007), revisões narrativas são apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento ou o "estado da arte" de um determinado assunto, sob o ponto de vista teórico ou conceitual. Por se tratar de uma revisão narrativa, as publicações foram selecionadas principalmente por meio da literatura cinzenta, priorizando material submetido à avaliação por pares, e a partir do escopo teórico prévio dos autores. De

modo a fomentar a multidisciplinaridade pretendida, foram utilizados os termos *framework* e *modelo* tanto conceitual quanto teórico (*theoretical framework*, *conceptual framework*; *theoretical model*, *conceptual model*), vinculando-os com a aplicação no Design e analisando-os epistemologicamente, sem filtros de delimitação temporal e área do conhecimento.

A discussão se deu a partir da apresentação das definições de frameworks, seguida da equiparação das configurações e características apresentadas nas definições, de modo a gerar uma melhor compreensão sobre a elaboração e aplicação de frameworks no Design.

2 Compreendendo frameworks

Ainda que sejam habitualmente usados na prática e pesquisa de Design, parece não haver consenso sobre o uso de Frameworks. O termo é utilizado sem maiores explicações, sendo que poucos autores tratam de delimitá-lo (Andrade, 2020; Green, 2014; Jabareen, 2009; Shehabuddeen *et al.*, 2000). Frequentemente há a sobreposição entre os termos “framework conceitual” e “framework teórico”, que são usados de modo intercambiável, quando, na realidade, representam sistematizações diferentes (Macedo & Souza, 2022, Green, 2014).

Dentre as causas apontadas para a confusão na compreensão de frameworks, podem ser citados: o uso de variações associadas ao termo – conceitual, teórico, prático, híbrido, etc. – sem a devida definição ou explicação (Macedo & Souza, 2022; Green, 2014); a complexidade gerada pelo uso desses termos compostos – por exemplo, o termo conceitual é naturalmente amplo em português (Andrade, 2020); a carência de publicações e discussões sobre a temática (Green, 2014); as diferenças inerentes das diversas disciplinas que utilizam frameworks, o que acaba interferindo na forma como são compreendidos, apresentados e desenvolvidos (Shehabuddeen *et al.*, 2000); e também o uso do termo como equivalente de outros instrumentos, como os modelos, paradigmas e ferramentas (Shehabuddeen *et al.*, 2000).

Junto a isso, não há um “manual de como os frameworks teóricos e/ou conceituais devem ser usados” (Green, 2014, p. 34, tradução nossa). Então, vislumbrar um framework teórico ou conceitual pode parecer mais um obstáculo do que uma ferramenta norteadora de pesquisa (Green, 2014).

Dado o papel não apenas na resolução de problemas específicos, mas também seu potencial avanço do campo do Design, é importante a compreensão correta das definições e terminologias dos instrumentos para que sejam devidamente aplicados, especialmente por novos pesquisadores (Green, 2014). Ademais, o autor afirma que “entender a natureza de um framework conceitual ou teórico e como estes podem ser usados auxilia na orientação da pesquisa e de seus resultados” (Green, 2014, p. 34, tradução nossa).

Assim, a seguir são discutidas definições e configurações que os frameworks podem apresentar. Além da definição geral de framework, foi decidida a discussão de duas variações:

o conceitual e o teórico. Essa escolha se deu pelo fato de que essas duas são as mais recorrentes entre os estudos identificados, pela existência de um entendimento e uso equivocado dessas variações, pelos desdobramentos e relações destas com outros instrumentos (modelo conceitual e modelo teórico), e também pela maior aproximação com o campo do Design – de acordo com Macedo e Souza (2022), os demais tipos de framework (prático e híbrido) tem aplicações específicas e de menor abrangência. Por exemplo, o framework prático é utilizado nas ciências exatas, no desenvolvimento de softwares executáveis ou sistemas web.

Framework

Ao se buscar uma definição ou conceituação para o que seria o framework, já é perceptível diferenças nas formas como esse instrumento é visto. Para Andrade (2020, p. 145), "o termo framework configura um conjunto de elementos chave organizados em uma estrutura que serve de apoio para execução/realização de algo". Macedo e Souza (2022, p. 3) o definem como "uma estrutura (um esqueleto) que possibilita o desenvolvimento de algo sobre sua base inicial, podendo representar um problema e fornecer a base para a resolução deste problema em um domínio específico". Já para Shehabuddeen *et al.* (2000, p. 1, tradução nossa), o termo framework pode ser descrito como um instrumento de "suporte na compreensão e comunicação da estrutura e das relações de um sistema para um determinado propósito", enquanto Imenda (2014, p. 186, tradução nossa), defende que um framework constitui "a perspectiva específica que um determinado pesquisador usa para explorar, interpretar ou explicar eventos ou comportamentos dos sujeitos ou eventos que ele(a) está estudando".

Acerca da importância de uso e seus benefícios, Imenda (2014, p. 185, tradução nossa) considera framework (teóricos e/ou conceituais) como a "alma de todo projeto de pesquisa. Ele determina como cada pesquisador(a) formula seu problema de pesquisa – e como ele(a) investiga o problema, e que significado ele(a) anexa aos dados resultantes de tal investigação". Green (2014) complementa ao afirmar que o foco dos frameworks é contribuir para que o pesquisador consiga enquadrar sua pesquisa de forma coerente e desenvolvê-la de modo condizente com o projeto e resultados pretendidos. Nesse sentido, como afirma Andrade (2020, p. 31), o framework permite tratar de noções e conceitos que orientam para a prática.

Em relação ao funcionamento e desenvolvimento, Shehabuddeen *et al.* (2000) afirmam que a forma do framework depende de um propósito particular e de como esse propósito será articulado, o que por sua vez, interferirá no seu estilo de apresentação. Sobre as características que compõem os frameworks, os autores também apontam que eles devem: representar uma questão para um propósito definido; conectar vários elementos para mostrar suas relações; permitir uma visão holística de uma situação a ser capturada; demonstrar uma situação ou fornecer embasamento para resolver um problema; e fornecer uma abordagem estruturada para lidar com uma questão específica.

A seguir, é feita a diferenciação entre os principais tipos de frameworks: conceitual e teórico. Como afirmado por Macedo e Souza (2022), a análise e descrição dos conceitos, das diferenças e semelhanças entre esses arcabouços pode ser um importante referencial para apoiar o processo de pesquisa acadêmica, e ainda, atuar como direcionador para definir quando e como se utilizar dos frameworks.

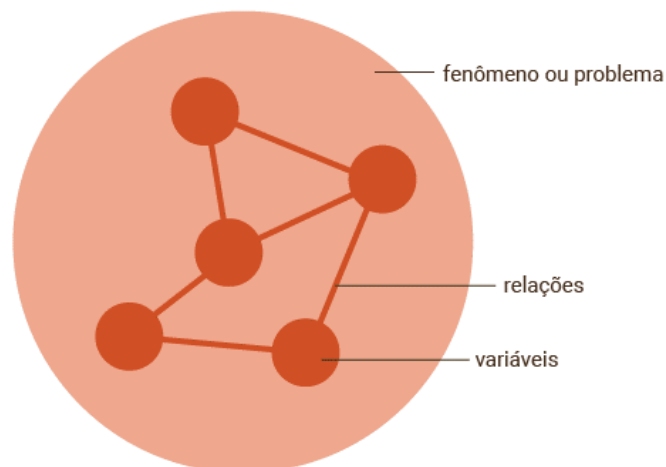
Framework conceitual

Macedo e Souza (2022) resumem o framework conceitual como uma ferramenta que

[...] utiliza conceitos com a finalidade de organizar o processo de pesquisa e o conhecimento defendido pelo pesquisador, visando a solução de um problema específico. [...] É usado, também, para identificar quando as teorias existentes não são aplicáveis ou suficientes para que o pesquisador possa construir uma estrutura factível [sic] para o estudo (p. 4-5).

Para Jabareen (2009, p. 51, tradução nossa), um framework conceitual é descrito como uma “rede de conceitos interligados que, juntos, fornecem uma compreensão abrangente de um fenômeno ou fenômenos”. O autor também defende esse instrumento como uma abordagem interpretativa da realidade social, sendo bem adaptado às análises qualitativas. Isso vai de encontro com Imenda (2014), que descreve esse framework como aplicável a um único estudo, sintetizando diferentes visões (conceitos) e descobertas teóricas para olhar um problema de modo integrado. Ou seja, o framework conceitual entra como um mapeamento de um conjunto de teorias que, relacionadas, explicam um fenômeno específico, conforme esquematizado na Figura 1. Um exemplo que pode ser citado é o desenvolvimento de um framework conceitual sobre infografia digital de saúde, onde há o agrupamento de componentes de nível conceitual, como objetivos e funções do infográfico, de nível representacional, como a linguagem (seja esta visual, auditiva, tátil...) usada, e de nível informacional, como formas de explicação, estrutura do infográfico, entre outros (e.g. Andrade, 2020).

Figura 1 - Contexto de atuação do framework conceitual
Fonte: elaboração dos autores, 2023.



Quanto às contribuições e benefícios dos frameworks conceituais para a pesquisa, estes orientam na coleta, interpretação e explicação dos dados quando não existe uma perspectiva teórica dominante, além de orientarem pesquisas futuras, especificamente onde o framework conceitual integra a revisão de literatura e os dados de campo (Preece *et al.* 2019; Imenda, 2014).

No uso do framework conceitual, este se "baseia em conceitos de várias teorias e descobertas para orientar a pesquisa" (Green, 2014, p. 35, tradução nossa), e os dados coletados são principalmente oriundos de pesquisas empíricas e descritivas, entrevistas e observações diretas, ou seja, há preponderância de dados qualitativos (Imenda, 2014).

As principais características do framework conceitual são: 1) Não é uma mera coleção de conceitos, mas um constructo no qual cada conceito tem uma função específica; 2) Não oferece uma visão analítica/causal, mas sim uma abordagem interpretativa da realidade social; 3) Ao invés de oferecer uma explicação teórica, como é feito modelos quantitativos, os frameworks conceituais oferecem compreensão; 4) Não fornece conhecimento de fatos concretos ("*hard facts*"), mas sim interpretações subjetivas das intenções; 5) São indeterminados por natureza, não gerando resultados preditivos; 6) Podem ser desenvolvidos e construídos por um processo de análise qualitativa; 7) A coleta de dados geralmente parte de uma meta-síntese (Andrade, 2020; Jabareen, 2009).

Framework teórico

Partindo para o framework teórico, Imenda (2014, p. 189, tradução nossa) afirma que este se refere à "aplicação de uma teoria, ou um conjunto de conceitos extraídos de uma mesma teoria, para oferecer uma explicação de um evento ou lançar luz sobre um determinado fenômeno ou problema de pesquisa". O autor chega a defender que uma pesquisa sem este instrumento fica "sem direção", sendo este fundamental para guiar o(a) pesquisador(a) a encontrar a abordagem teórica adequada e quais ferramentas de pesquisa seriam apropriadas. Macedo e Souza (2022) complementam que sem um framework teórico os resultados da pesquisa podem ser comprometidos, pela falta de direcionamento adequado, e o(a) pesquisador(a) estará sujeito a erros metodológicos relacionados à abordagem teórica.

Sobre objetivos e benefícios, Macedo e Souza (2022) afirmam que o framework teórico auxilia o(a) pesquisador(a) a encontrar uma abordagem de pesquisa apropriada, ferramentas analíticas e procedimentos para sua investigação.

Os frameworks teóricos se originam da revisão de literatura e/ou dados coletados ou ainda a partir da adaptação de uma teoria ou perspectiva teórica pré-existente. Os dados são coletados principalmente por meio de projetos experimentais, pesquisas empíricas e testes (Imenda, 2014). No seu desenvolvimento e aplicação, são revisadas as teorias que são relevantes para o tópico de estudo, questão de pesquisa e problema, e conteúdo, ou seja, os conceitos, suposições, afirmações, modelos e previsões, para chegar a um framework teórico

adaptado às necessidades de pesquisa, para explicar as descobertas do estudo (Macedo & Souza, 2022).

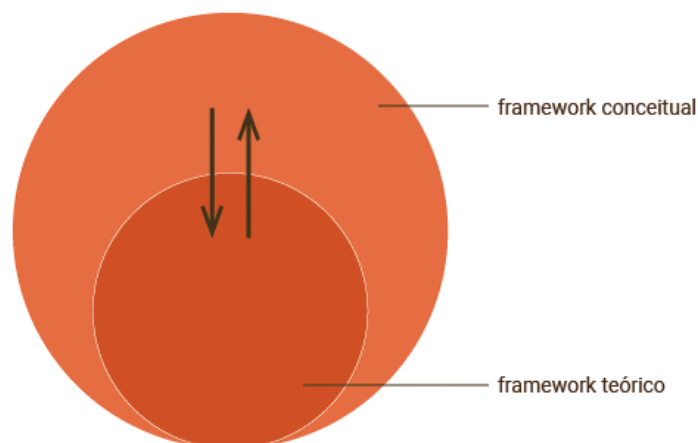
Framework conceitual x framework teórico

Não é incomum a confusão entre frameworks teóricos e conceituais. A verdade é que, apesar de apresentarem pontos em comum e funcionarem em conjunto, esses frameworks possuem características que os diferenciam entre si (Macedo & Souza, 2022).

A diferença mais direta entre os frameworks conceituais e teóricos é que o teórico deriva do embasamento nas teorias, enquanto os conceituais apresentam uma síntese de conceitos e perspectivas extraídas de diversas fontes (Green, 2014; Imenda, 2014).

Durante a pesquisa, os frameworks apresentam protagonismos em proporções e momentos diferentes. Enquanto o framework teórico é extraído da literatura sobre um determinado tópico de pesquisa, o framework conceitual é algo mais amplo, que abrange praticamente todos os aspectos da pesquisa. É a estrutura geral que compreende a totalidade dos componentes da pesquisa, incluindo o framework teórico, como indica a Figura 2 (Macedo & Souza, 2022).

Figura 2 - Relação de aplicação entre framework teórico e framework conceitual
Fonte: elaborado pelos autores, 2023.



Sobre o tipo de abordagem ao qual estão associados, o framework conceitual pode estar inserido em pesquisas de abordagem qualitativa, quantitativa ou mista, enquanto os frameworks teóricos, na maioria das vezes, estão vinculados à pesquisa quantitativa (Imenda, 2014).

Acerca da amplitude aplicação dos frameworks frente a outros problemas e contextos de pesquisa, Imenda (2014) afirma que nos frameworks conceituais há uma forte consideração do contexto e sua aplicação está associada ao problema de pesquisa específico para que foi criado. Assim, a aplicação para outros problemas de pesquisa é limitada. Por outro lado, por se referirem à aplicação de teorias, os frameworks teóricos tendem a ter um escopo de uso mais

amplo, indo além de um único problema de pesquisa ou contexto. Retomando o exemplo anterior, tendo a infografia como centro do estudo, esta foi tratada por Andrade (2020) por um *framework teórico ligado ao Design da Informação*, porém, um *framework conceitual sobre Infografia* poderia, também, ser construído a partir de um *framework teórico do Jornalismo*, já que a Infografia é um tema de estudo expressivo em ambas as áreas.

Apesar das divergências, frameworks conceituais e teóricos também possuem pontos em comum. Ambos servem ao mesmo propósito, que é auxiliar o pesquisador a visualizar com maior precisão as principais variáveis e conceitos do estudo, fornecem uma abordagem metodológica geral a ser seguida (projeto da pesquisa, população-alvo, amostra da pesquisa, coleta e análise de dados), e orientam o pesquisador na coleta, interpretação e explicação dos dados. Eles também podem gerar o mesmo desafio, pois, dependendo da forma de como é estruturado, o framework utilizado ou desenvolvido também pode ser responsável pelo que o pesquisador "não percebe", quando determinados dados ou eventos fogem do escopo a partir do qual os frameworks conceituais ou teóricos foram estruturados (Imenda, 2014).

De modo geral, ambos frameworks são úteis em diferentes momentos e para diferentes objetivos. A partir do conhecimento das variáveis e dos pontos convergentes e divergentes dos frameworks, se projeta e/ou utiliza esses instrumentos com maior assertividade e eficiência, de acordo com o momento e/ou objetivo de cada estudo.

Framework x outros instrumentos

Assim como não há definição consenso entre framework conceitual e teórico entre os autores visitados, verifica-se que também não há entendimento bem definido das demarcações limítrofes entre frameworks e outros instrumentos, sendo as discussões observadas nesse sentido muito breves. Preece *et al.* (2019) argumentam que paradigmas, modelos, teorias, frameworks, etc, não são mutuamente exclusivos; estes se sobrepõem, conceitualizando um problema com diferentes níveis de rigor e abstração e com diferentes propósitos. Apesar de ser parte do processo de pesquisa e de ser entendido como algo positivo para a adaptação aos contextos investigados e para a riqueza dos dados, este pode ser um dos motivos pelo qual as diferenciações não sejam bem delimitadas.

Dentre as poucas diferenciações apresentadas, Shehabuddeen *et al.*, (2000), ao contraporem frameworks com mapas, afirmam que este último tende a ser menos conceitual. Quando se comparam frameworks a processos e métodos, Andrade (2020, p. 149) comenta que estes "são mais concretos e direcionados para uma tarefa específica".

As discussões mais recorrentes foram entre frameworks e modelos, onde Macedo e Souza (2022) chegam a afirmar que na literatura não há uma concordância sobre as diferenças entre esses dois instrumentos. Os autores afirmam que os conceitos de framework conceitual e modelo conceitual são sinônimos e tem a mesma finalidade, o que está de acordo com o que é defendido por Imenda (2014). Já em relação ao modelo teórico, eles chegam ao mesmo entendimento de Green (2014), ao afirmarem que o modelo teórico é a representação

diagramática do framework teórico. Entretanto, ao abordar frameworks e modelos conceituais, Jabareen (2009) apresenta uma sutil, mas importante diferenciação. O autor propõe que, para desencorajar o uso vago do termo framework conceitual, os frameworks conceituais devem ser baseados não em variáveis ou fatores, mas apenas em conceitos. Quando variáveis ou fatores são usados, o autor sugere empregar o termo modelo.

Shehabuddeen *et al.* (2000) expandem essa percepção ao afirmar que, além "representações", modelos são dinâmicos por natureza e retratam a realidade, mostram relações e permitem prever o impacto que uma mudança em um elemento variável do modelo pode trazer. Os autores apontam ainda outro mecanismo de diferenciação, ao descreverem que as características de um modelo fazem parte das características de um framework, embora o inverso não seja necessariamente verdadeiro. Ainda assim, os autores chegam a um entendimento que se aproxima do consenso de Green (2014) e Macedo e Souza (2022), ao concluírem que "um modelo é um tipo particular de framework" (Shehabuddeen *et al.*, 2000, p. 18).

3 Frameworks – contribuições para o design

Frameworks auxiliam na organização dos pensamentos e na maneira como os dados e/ou conceitos são apresentados, servindo como ponto de referência para que o(a) designer formalize informações de acordo com seu contexto de modo eficiente (Andrade, 2020; Green, 2014).

De modo geral, o uso de frameworks no Design possibilita melhor compreensão e organização tanto de projetos práticos quanto da pesquisa, já que, como visto, esse instrumento direciona o mapeamento das variáveis de um fenômeno e suas relações (Figura 2). Em especial, o Design da Informação é "uma área do Design cujo propósito é a definição, planejamento e configuração do conteúdo de uma mensagem e dos ambientes em que ela é apresentada" (SBDI, 2020), atuando desde a estruturação dos dados e do contexto dos usuários até a mídia e linguagem a serem usados para a satisfazer a necessidade de informação do público (Bonsiepe, 2015; Pettersson, 2012), sendo uma área complexa e multidisciplinar. Desta forma, acredita-se que este instrumento pode ser relevante para a contínua melhora nas pesquisas, práticas e ensino do campo.

Conclui-se que seria benéfico ter nuances e diferenças entre conceito e teoria mais amplamente discutidos, além de se diferenciar e definir bem os instrumentos na literatura a fim de tornar a pesquisa e a comunicação entre diversas abordagens mais eficiente e clara (Macedo & Souza, 2022; Green, 2014).

Contribuição para a prática do design

Segundo Frascara (2004, p. 93), “a organização de um projeto de design é um problema de design.”, e, como pode ser visto, isto se aplica, também, ao aspecto mais teórico e investigativo do Campo, notando-se as diversas formas como determinados problemas e fenômenos podem ser abordados, podendo partir de uma premissa mais teórica e quantitativa ou investigando algum fenômeno específico de forma mais conceitual e qualitativa.

No Design, frameworks auxiliam na concepção, desenvolvimento, avaliação e análise de produtos, serviços ou interfaces (Preece *et al.*, 2019). Frameworks também podem auxiliar com uma estruturação comum que facilita a comunicação entre membros de uma equipe, melhor sistematizando diferentes projetos. E em caso de equipes multidisciplinares, a troca de informações e conhecimento deve ser eficiente para que não ocorra conflitos ou subutilização de recursos entre setores ou profissionais - essa integração implica uma comunicação envolvendo repertório comum através da organização (Andrade, 2020; Holland & Lam, 2014; Frank, 1999).

Os frameworks também podem contribuir para o processo de controle e validação das etapas do processo de Design, pois servem como um mecanismo de verificação que analisa se as descobertas estão de acordo com o framework ou se existem discrepâncias (Imenda, 2014).

Por serem ferramentas que, baseando-se em uma percepção ou paradigma em particular, apresentam as relações entre as variáveis de um sistema, os frameworks entram neste contexto acima, auxiliando na tomada de decisões ou resolução de problemas. É através desta simbolização de um problema ou fenômeno que o usuário do framework pode ponderar sobre uma determinada situação (Shehabuddeen *et al.*, 2000).

Tratando ainda de um campo multidisciplinar como o Design, onde não é incomum que diversas perspectivas ou teorias sejam combinadas para que uma questão seja respondida, pode-se, como exemplo, usar do framework conceitual como sintetizador destes vários conceitos e perspectivas que englobam um projeto (Imenda, 2014). É o que pode ser visto na proposta do *Framebook* (Dick, 2019), por exemplo, que é um framework para auxiliar projetos de livros digitais englobando perspectivas mercadológicas, de público (leitores), do conteúdo em si, da tecnologia usada, entre outros.

Contribuição para a teoria de design

Há uma importante relação entre a atualização prática do Design e a construção teórica do Campo. Para Freitas *et al.* (2013) a metodologia de design se ocupa da aplicação de métodos que resolvem problemas específicos de projeto, e neste contexto, os instrumentos ou ferramentas são empregados como forma de se cumprir as ações necessárias para se atingir um objetivo.

Isso faz parte do sistema cíclico, onde as especificidades práticas descobertas no uso dos instrumentos resultam em fonte de dados que contribuem para o arcabouço metodológico do Design. Dialoga também com Silva (2017) ao discorrer sobre o processo evolutivo do Design

brasileiro, onde afirma que a cadeia do pensamento científico tem sua continuidade embasada no ciclo retroalimentativo do conhecimento.

Além disso, Liehr e Smith (1999 *apud* Imenda, 2014, p. 187, tradução nossa) estabelecem uma conexão entre teoria e prática, ao afirmarem que a primeira orienta a segunda, enquanto "a prática permite testar a teoria e gera questões para pesquisa; a pesquisa contribui para a construção da teoria e a seleção de diretrizes práticas". De acordo com esses autores, a cuidadosa inter-relação entre teoria e pesquisa poderia reforçar o que é aprendido por meio da prática, criando assim um tecido de conhecimento na disciplina em questão.

Os frameworks são cada vez mais utilizados como forma de traduzir questões complexas em um formato simples e analisável. Especificamente, seu uso se resume em: 1) Comunicar ideias ou descobertas para a comunidade em geral, sejam acadêmicos ou profissionais do mercado; 2) Comparar diferentes situações e/ou abordagens; 3) Definir o domínio ou limites de uma situação; 4) Descrever o contexto ou argumentar a validade de uma descoberta; 5) Embasar o desenvolvimento de procedimentos, técnicas, métodos e ferramentas (Shehabuddeen *et al.*, 2000, p. 14-15).

No campo da teoria, estes instrumentos tornam a pesquisa mais robusta, possibilitando o desenvolvimento de teorias e generalizações, além de gerar resultados mais rigorosos e significativos, como apontam Macedo e Souza (2022). Imenda (2014) projeta bem este suporte dos frameworks na conceitualização teórica ao exemplificar que um framework conceitual se desenvolve a partir da síntese de literatura existente e dados recentes, servindo então como catalisador para pesquisas posteriores. Nisto, o conhecimento vai se multiplicando até, enfim, se articular uma nova teoria, a partir da qual um framework teórico evolua, ou seja, o desenvolvimento de frameworks conceituais articula a teorização do campo (Imenda, 2014; Jabareen, 2009).

4 Considerações finais

Como foi visto ao longo do artigo, há ainda alguns desencontros sobre a definição de instrumentos usados para sistematizar conhecimento, como modelos e frameworks. Ainda assim, sendo estes instrumentos expressivos e amplamente utilizados na pesquisa e prática de Design, se considera que um uso mais assertivo seja importante. Por isso, o propósito deste estudo foi propor uma alçada teórica comum sobre frameworks, sejam estes conceituais ou teóricos. Considera-se que o objetivo de construir uma perspectiva comum sobre frameworks e sua colaboração para a prática e, principalmente, pesquisa de Design foram atingidos. Outra contribuição foi a constatação do uso comum de demais termos (em especial, modelos) como sinônimos, tendo baixa clareza conceitual sobre as diferenciações entre instrumentos, o que pode agravar confusões metodológicas.

Ainda que se possibilite liberdade argumentativa e a multidisciplinaridade na análise e discussão dos conceitos, entende-se que a revisão narrativa pode ser apontada como uma das

limitações deste estudo, visto a não possibilidade de replicabilidade do escopo de referências consideradas.

Este artigo enfatiza definições e usos do instrumento framework, portanto, cabe à estudos futuros a avaliação da necessidade de se abordar também demais termos ou instrumentos vistos. Ainda que, como visto na revisão, muito da terminologia se mescle em um uso quase sinônimo, pode ser proveitosa a investigação sobre possíveis diferenciações entre frameworks e demais ferramentas. Além disso, outra contribuição relevante seria o agrupamento de requisitos comunicacionais e informacionais que melhorem a eficiência destes instrumentos.

Relembrando, enfim, o que é colocado por Cardoso (2016), o Design é um Campo diverso, multidisciplinar e em constante atualização. Navegando na prática e teoria, é possível usar de frameworks teóricos e conceituais como norteadores que auxiliam designers e pesquisadores(as) na atualização do Design diante dos novos desafios, materiais e contextos.

Agradecimento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

- Andrade, R. de C. (2020). *Framework para design de infográficos: uma proposta a partir de um estudo de caso em infografia de saúde* [Tese de doutorado]. Universidade Federal do Paraná.
- Bonsiepe, G. (2015). *Do material ao digital*. Editora Blucher.
- Cardoso, R. (2016). *Design para um mundo complexo*. Ubu Editora.
- Dick, M. E. (2019). *Framebook: um framework para o processo de design de livros digitais* [Tese de doutorado]. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Frank, U. (1999). Conceptual Modelling as the Core of the Information Systems Discipline—Perspectives and Epistemological Challenges. *AMCIS 1999 Proceedings*, 695–697.
- Frascara, J. (2004). *Communication design: principles, methods, and practice*. Allworth Communications, Inc.
- Freitas, R., Coutinho, S., & Waechter, H. (2013). Análise de Metodologias em Design: a informação tratada por diferentes olhares. *Estudos em Design*, 21, 1–15.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. Atlas.
- Green, H. E. (2014). Use of theoretical and conceptual frameworks in qualitative research. *Nurse Researcher*, 21(6), 34–38.
- Holland, R., & Lam, B. (2014). *Managing Strategic Design*. Red Globe Press.
- Imenda, S. (2014). Is there a conceptual difference between theoretical and conceptual frameworks? *Journal of Social Sciences*, 38(2), 185–195.
<http://dx.doi.org/10.1080/09718923.2014.11893249>

- Jabareen, Y. (2009). Building a conceptual framework: philosophy, definitions, and procedure. *International Journal of Qualitative Methods*, 8(4), 49–62. <http://dx.doi.org/10.1177/160940690900800406>
- Macedo, M., & Souza, M. R. de. (2022). Teoria, modelos e frameworks: conceitos e diferenças. *Anais do XII Congresso Internacional de Conhecimento e Inovação – Ciki*. <https://doi.org/10.48090/ciki.v1i1.1249>
- Pettersson, R. (2012). *Basic ID concepts*. International Institute for Information Design.
- Pichler, R. F. (2019). *User-Capacity Toolkit: conjunto de ferramentas para guiar equipes multidisciplinares nas etapas de levantamento, organização e análise de dados em projetos de tecnologia assistiva* [Tese de doutorado]. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Preece, J., Rogers, Y., & Sharp, H. (2019). *Interaction Design: beyond human-computer interaction* (5^o ed). John Wiley & Sons Inc.
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(2), 5–6. <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-21002007000200001>
- Shehabuddeen, N., Probert, D., Phaal, R., & Platts, K. (2000). *Management representations and approaches: exploring issues surrounding frameworks* [Working Paper]. University of Cambridge.
- Silva, D. E. N. (2017). Reflexões e inquietudes sobre design: aspectos da linguagem e da pedagogia do desenho industrial. *Projética*, 8(1), 59–78.
- Sociedade Brasileira de Design da Informação. (2020). SBDI. Disponível em: <http://sbdi.org.br/definicoes/>
- Sorensen, G., McLellan, D., Sabbath, E., Dennerlein, J., Nagler, E., Hurtado, D., Pronk, N., & Wagner, G. (2016). Integrating worksite health protection and health promotion: a conceptual model for intervention and research. *Preventive Medicine*, 91, 188–196. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ypmed.2016.08.005>
- Sorensen, G., Sparer, E., Williams, J., Gundersen, D., Boden, L., Dennerlein, J., Hashimoto, D., Katz, J., McLellan, D., & Okechukwu, C. (2018). *Measuring Best Practices for Workplace Safety, Health, and Well-Being*. 60(5), 430–439. <http://dx.doi.org/10.1097/jom.0000000000001286>
- Williams-Whitt, K., Kristman, V., Shaw, W., Soklaridis, S., & Reguly, P. (2016). A Model of Supervisor Decision-Making in the Accommodation of Workers with Low Back Pain. *Journal of Occupational Rehabilitation*, 26(3), 366–381. <http://dx.doi.org/10.1007/s10926-015-9623-0>

Sobre o(a/s) autor(a/es)

Caroline Winkelmann, Ma., UDESC, Brasil <carolwnk@gmail.com>

Rubenio Barros, Me., UDESC, Brasil <rubeniobarros@hotmail.com>

Gabriela Botelho Mager, Dra., UDESC, Brasil <gabriela.mager@udesc.br>

Elton Moura Nickel, Dr., UDESC, Brasil <elton.nickel@udesc.br>